

Ideias clássicas, aspirações modernas: o academicismo e o traçado das cidades novas do norte do Paraná

Renato Leão Rego, Taissa Sessak Ribeiro e Jaqueline Taub

Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Estadual de Maringá. Avenida Colombo 5790, Bloco 32. Maringá, PR, Brasil. 87020-900. E-mail: rlrego@uem.br

Artigo revisto recebido a 6 de Abril de 2015

Resumo. *Articulando história do urbanismo e estudos morfológicos, este artigo trata de mostrar a ressonância do urbanismo contemporâneo no traçado de quatro cidades novas planejadas no Brasil da metade do século XX por engenheiros civis graduados pela Faculdade de Engenharia, em Curitiba, no Paraná. Naquele momento o urbanismo ainda era marcado pela visão academicista, tributária da tradição Beaux-Arts e em sintonia como o planejamento em 'grande estilo' – um conjunto de ideias formais decorrentes da prática de urbanística europeia, particularmente a francesa, difundidas nos Estados Unidos pelo movimento City Beautiful. O Plano de Urbanização de Curitiba assinado em coautoria por Alfred Agache em 1943 foi uma importante referência local, especialmente para os engenheiros civis tratados neste artigo. Assim, elementos morfológicos como avenidas diagonais, bulevares com árvores enfileiradas, vistas grandiosas, e a reunião de edifícios públicos relevantes e sua organização ordenada e simétrica vão revelar uma abordagem artística em meio a formas urbanas regulares, ortogonais, típicas de empreendimentos de especulação fundiária.*

Palavras-chave: circulação de ideias, cidades novas planejadas, Tamboara, Cidade Gaúcha, Ivaiporã

Introdução: quatro traçados urbanos de destaque

Tamboara (1947, Figura 1), Paranacity (1950), Ivaiporã (1953, Figura 2) e Cidade Gaúcha (1953, Figura 3) estão entre dezenas de cidades novas planejadas na metade do século XX na região norte do estado brasileiro do Paraná, sob um esquema de planejamento regional baseado na noção britânica de cidades satélites (Rego e Meneguetti, 2010). Diferentemente da maioria daquelas cidades novas planejadas, fundadas pela maior companhia colonizadora da região e criadas pelo seu próprio escritório técnico, Tamboara foi projetada por Alexandre Gutierrez Beltrão; Paranacity foi projetada por Yaroslau Sessak e seu sócio Omar Sabbag, e Ivaiporã foi trabalho individual de Sessak; e Cidade Gaúcha foi traçada por Américo Sato – todos

profissionais independentes contratados exclusivamente para esta finalidade por pequenas companhias.

A maior e mais bem-sucedida empresa privada de especulação fundiária levou a cabo um abrangente planejamento regional que incluiu preceitos para o parcelamento rural, criação de infraestrutura e urbanização e o posterior assentamento de colonos nesta região de solo fértil que acabou efetivamente enriquecendo com a lavoura cafeeira, de modo a expandir a fronteira agrícola no interior do país (Rego e Meneguetti, 2008). Buscando sucesso empresarial semelhante, pequenas companhias não só seguiram este modelo de colonização como também reproduziram o mesmo padrão urbanístico. Este padrão revela um tecido urbano regular, de malha ortogonal, cuidadosamente adaptado às circunstâncias topográficas, o que gerou configurações variadas e únicas;

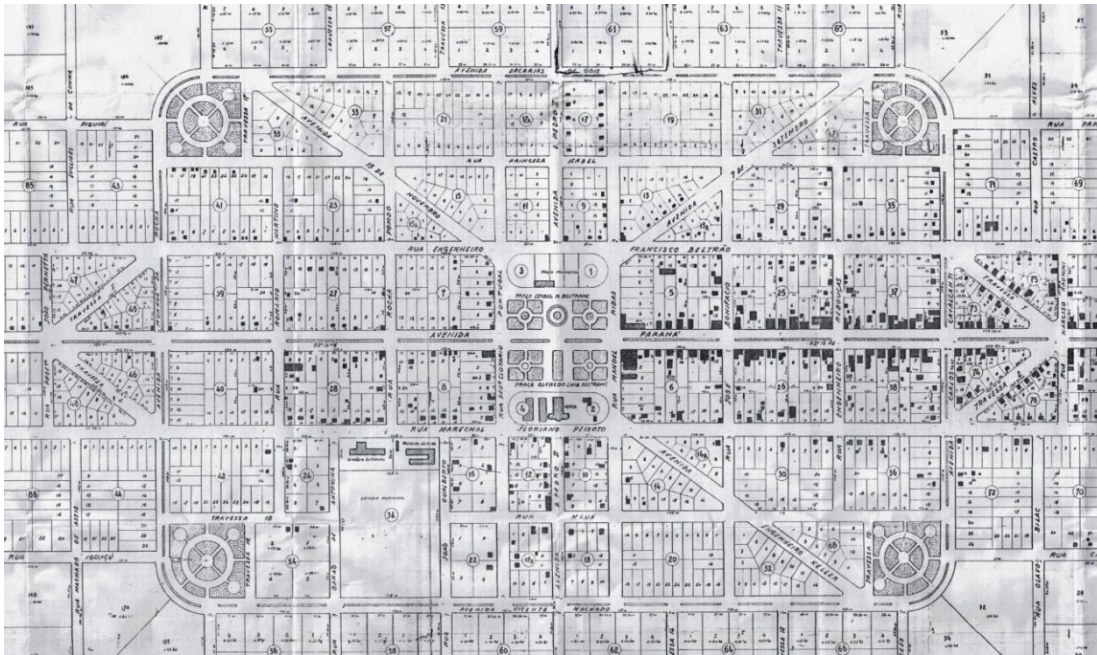


Figura 1. Versão parcialmente modificada do traçado de Tamboara, Duílio Beltrão, 1969. Em destaque, o centro cívico – o elemento formal mais significativo do traçado urbano, reunindo edifícios públicos e espaço livre no coração da cidade. Fonte: Cartório de Registro de Imóveis de Apucarana.

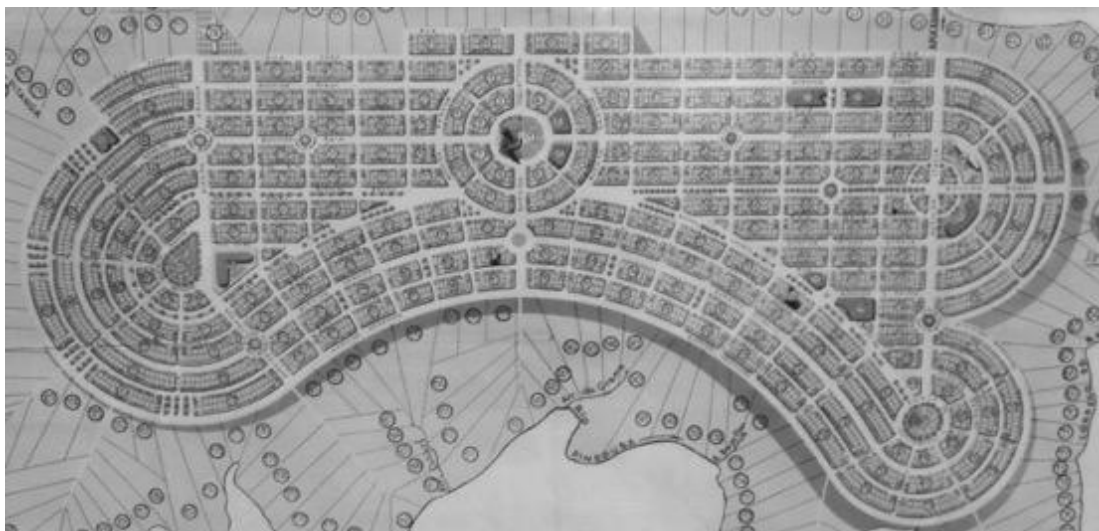


Figura 2. Traçado de Ivaiporã, Yaroslau Sessak, 1953. Notem-se os edifícios públicos previstos em destaque. Fonte: Prefeitura Municipal de Ivaiporã.



Figura 3. Traçado de Cidade Gaúcha, Américo Sato, 1953. Composição simétrica e arranjo artístico de vias, edifícios, espaços livre e arborização. Fonte: Cartório de Registro de Imóveis de Campo Mourão.

revela ainda o posicionamento das cidades nas linhas de cumeadas principais, ao longo da estrada que as conectava às cidades vizinhas, de modo a preservar as nascentes próximas e evitar enchentes e doenças tropicais nas zonas ribeirinhas; e revela, por fim, um *core*, conformado como um centro cívico, posicionado no centro geométrico da forma urbana.

Entretanto, os quatro traçados analisados neste artigo apresentam de modo exemplar características comuns que, mais sutilmente, também permeiam o traçado de muitas das cidades planejadas na região no mesmo período. Além disso, estes quatro traçados compartilham a procedência comum dos seus projetistas e a formação de muitos deles na Faculdade de Engenharia do Paraná, sediada em Curitiba, a capital do estado do Paraná. Desse modo, este artigo busca apontar os elementos morfológicos comuns nestes traçados e analisá-los à luz das ideias urbanísticas em circulação naquele momento.

Poucos desenhos foram preservados e não são conhecidos relatos escritos sobre estes projetos, o que transforma este trabalho em uma tarefa elucidativa. Nesse sentido, este artigo trata de explicar as formas urbanas analisadas. Para tanto tomou-se como referência a abordagem cognitiva e explanatória da morfologia urbana (Gauthier e Gilliland, 2006; Whitehand, 2001; Conzen, 2004). Pois o que chama a atenção nestas formas urbanas, para além do seu contorno muitas vezes definido *a priori*, é a trama dos

seus elementos morfológicos. O tecido urbano é configurado pelo sistema viário, pelo padrão de parcelamento do solo, pela aglomeração e isolamento das edificações e dos espaços livres. O tecido urbano é dado, portanto, pelas edificações, vias, quadras e lotes, parques, praças e monumentos nos seus mais variados arranjos, com fortes inter-relações. O modo como cada um destes elementos urbanos foi cristalizado e conforma o tecido da cidade é o objeto da morfologia urbana (Rego e Meneguetti, 2011).

Usando documentos cartoriais, artigos de jornais, os poucos mapas históricos remanescentes e fotografias aéreas, este artigo mostrará que mesmo formas urbanas originadas em empreendimentos de especulação fundiária não se eximiram de motivos artísticos e veleidades estéticas, próprias de um período em que o urbanismo não deixava de ser uma expressão de arte urbana.

A abordagem academicista

Examinando revistas latino-americanas especializadas publicadas entre os anos 1930 e 1960, Gomes e Espinoza (2009) encontraram raras referências aos Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna (CIAM). Desde a sua origem, o discurso urbanístico dos CIAM excluiu *Garden City*, *Beaux-Arts* e todo tipo de formalismo explícito, inadequado para as ‘necessidades modernas’; oficialmente os CIAM trataram de se diferenciar do urbanismo tradicional e defenderam o urbanismo ‘moderno’ como antítese a tudo que existiu previamente (Mumford, 2000; Domhardt, 2012). Desse modo, Gomes e Espinoza perceberam que na América Latina da metade do século XX o urbanismo contemporâneo exibia uma constituição bastante heterogênea, mais aberta a outras possibilidades de entendimento e ação sobre a cidade, e menos dogmática à ideologia dos CIAMs do que acabaria se tornando nos anos subsequentes (Gomes e Espinoza, 2009; Rezende, 2000). Naquele momento, o pensamento academicista era ainda a referência para o traçado das cidades sul-americanas, entendendo por academicismo o acervo de

conhecimentos teóricos e práticos herdados do passado e ligado à escola de *Beaux-Arts* de Paris, que proporcionou a base da formação de arquitetos e urbanistas no início do século XX, com reflexos nos principais países ocidentais (Pinheiro, 2010).

Esta referência não contrastava com aquela do planejamento da cidade em *grand manner* (Kostof, 1993), baseado no urbanismo tradicional europeu, particularmente francês, e usualmente chamado na América do Norte de *City Beautiful* (Rego, 2012a; Stelter, 2000, p. 99). Seus precedentes clássicos remontavam ao traçado de Roma do século XVI, mas enfatizavam a tradição barroca francesa do século XVII exemplificada em Versalhes e, sobretudo, as transformações modernizadoras de Paris. Pois o espaço urbano deveria ser a expressão física de um ideal, nitidamente materializado por formas clássicas (Rego, 2012a) e a beleza urbana, um dos principais objetivos do urbanista e do planejador, seria alcançada através de configurações que valorizavam a arte, a arquitetura e seus princípios compositivos, e que levavam o espírito do arquiteto para a escala e o contexto da cidade (Morley, 2008, p. 56). Com isso, almejava-se a remodelação urbana através da funcionalidade, da beleza e da ordem, consoantes com o gosto neoclássico.

Com efeito, neste período, a presença e o impacto de profissionais estrangeiros ligados à tradição da escola de Belas-Artes podiam ser sentidos na América do Sul em geral e, em particular, no Brasil (Pinheiro, 2009, 2010). A estética dos planos de melhoramentos urbanos para as cidades brasileiras do começo do século XX não esconde a inspiração francesa (Toledo, 1996; Pinheiro, 1998), ainda que a maior parte dos novos bairros residenciais deste período fossem planejados a partir do ideário Cidade Jardim (Leme, 2005; Passos e Emídio, 2009). Na segunda década do século passado, Joseph Bouvard desenvolveu um plano para São Paulo e Richard Barry Parker projetou vários bairros jardim naquela cidade. Em 1926, Alfred Agache começou a preparar seu plano histórico para o Rio de Janeiro, publicado em 1930 (Agache, 1930; Leme, 2005; Underwood, 1991). O urbanismo *Beaux-Arts* de Agache e, antes dele, o plano *City Beautiful* de Daniel

Burnham e Edward Bennett para Chicago (Burnham e Bennett, 1993 [1909]) foram fundamentais para o Plano de Avenidas para São Paulo desenvolvido por Francisco Prestes Maia, engenheiro civil e futuro prefeito daquela cidade (Toledo, 1996). Em contraste com as ideias academicistas, neste período Le Corbusier esboçou sua visão modernista para o Rio de Janeiro e para São Paulo, tendo menos repercussão prática. Estas propostas naturalmente suscitaram calorosas discussões entre jovens planejadores e estudantes e na mídia, em um tempo em que, como notou Leme (2004), a prática profissional e a organização de associações de classe precederam a instrução formal do urbanista.

No Paraná da metade do século havia apenas a Faculdade de Engenharia estabelecida em Curitiba – e nenhum curso específico de arquitetura e de urbanismo no estado. Neste curso de engenharia civil, a disciplina que incluía o tópico ‘Traçado de cidades’, ainda que enfocasse a estrutura sanitária dos assentamentos urbanos, não ignorou as realizações do urbanismo contemporâneo. Suas aulas referiram-se a Cidade Linear, CIAM, *Garden City*, e movimento *City Beautiful*. Unidades de vizinhança, zoneamento funcional, *parkways*, artérias diagonais, cinturões verdes, densidade demográfica da Cidade Jardim, centros cívicos, e o agrupamento e o tratamento artístico de edifícios públicos e espaços livres estavam entre os pontos para discussão baseados em casos concretos, com exemplos extraídos de Washington, Paris, Roma, Welwyn, Radburn, e as cidades novas planejadas no Brasil: Goiânia e Belo Horizonte. Estas referências foram incluídas nas notas de aulas, embora elas tenham sido rotineiramente revisadas e acabaram publicadas somente mais recentemente (Puppi, 1981).

Tanto a presença de Agache em Curitiba em 1940 e em 1943 (Diário da Tarde, 1940a, 1940b, 1940c, 1943a, 1943b, 1943c; Gazeta do Povo, 1940, 1943b; O Dia, 1943a, 1943b) quanto o seu plano para aquela cidade (Carollo, 2002; Dudeque, 2010; Prefeitura, 1943, p. 3) tiveram repercussão importante, não só para o urbanismo local como para a formação técnica na área em nível estadual – já que tratamos da única escola

de engenharia no estado do Paraná naquele momento. A imprensa local exultou ao publicar, em 1940, que ‘teremos um plano, como o Rio [de Janeiro], São Paulo, Chicago, Buffalo, Filadélfia, e esse plano, que será decretado, sairá da técnica e da arte de Agache, um dos maiores urbanistas do mundo’ (Diário da Tarde, 1940b). Chicago, Buffalo e Filadélfia são três cidades norte-americanas que deram lugar às conformações do *City Beautiful*; o plano de Chicago, mundialmente celebrado, fora publicado em 1909; Buffalo foi mencionada provavelmente por ter sido a sede da Exposição Pan-Americana de 1901; e a referência a Filadélfia certamente aludia ao Benjamin Franklin Parkway, um bulevar cênico planejado por Jacques Gréber em 1917 emulando a parisiense *Champs-Élysées* (Cohen, 1995, pp. 51-5).

Agache havia sido contratado como consultor da firma Coimbra Bueno Cia. Ltda. (Carollo, 2002, p.104), que também elaborou o projeto de Goiânia, a nova capital do estado de Goiás traçada em linhas Cidade Jardim e *City Beautiful* (Pires, 2009; Rego, 2014; Ribeiro, 2004). O então prefeito de Curitiba, engenheiro civil Alexandre Gutierrez Beltrão, e o administrador do Paraná receberam o plano de urbanização da capital do estado em 1943, um ano festivo para a cidade que comemorava 250 anos da sua fundação. Na Grande Exposição que celebrou o aniversário da cidade, a proposta de Agache foi exibida com destaque (Dudeque, 2010, p. 65). E o célebre urbanista francês ainda proferiu uma palestra aos alunos da Faculdade de Engenharia.

Assim como a proposta de Agache para o Rio de Janeiro, o plano de Curitiba evidenciava o caráter artístico do urbanismo ao representar vistas grandiosas de composições monumentais que reuniam edifícios públicos imponentes, espaços livres, bulevares e avenidas-parque minuciosamente arborizadas. Ao contrário do plano para o Rio de Janeiro (Underwood, 1991), o plano de Curitiba não se baseava em análises sociais significativas, enfocando, em contrapartida, basicamente os elementos urbanos concretos que pudessem implementar uma paisagem moderna (Dudeque, 2010, pp. 52-3; Prefeitura, 1943) – o que certamente o fazia mais facilmente reproduzível. De toda sorte,

o prestígio do seu autor, a exibição pública, a difusão pela mídia (Diário da Tarde, 1943; Gazeta do Povo, 1943b) e a palestra técnica na faculdade asseguraram o impacto do plano e de seu *layout* academicista (Figura 4).

Embora os planos de Agache para Curitiba e o Rio de Janeiro e de Prestes Maia para São Paulo tenham sido apenas parcialmente realizados, eles permaneceram como referências, disseminando certos elementos morfológicos da abordagem academicista que acabaram sendo adaptados a outros contextos.

Adaptações

A grelha foi o padrão de parcelamento urbano adotado comumente na criação de cidades novas no norte do Paraná e, com a predominância de ruas retas e retículas ortogonais, notam-se primordialmente conformações simétricas com centros bem definidos (Rego e Meneguetti, 2008). Em geral, assentamentos urbanos planejados em empreendimentos de colonização adotaram padrões viários reticulados e ortogonais, que resultam mais simples, eficientes e baratos. Contudo, a configuração da forma urbana das cidades norte-paranaenses esteve geralmente condicionada à topografia e às nascentes próximas, o que acabou por ajustar ao sítio o padrão reticulado ortogonal comum e ‘especializar’ o tecido urbano, para empregar o termo de Lynch (1954) que se refere à iniciativa de particularizar o aspecto abstrato e genérico da malha ortogonal riscada mecanicamente por meio de elementos distintivos. Além disso, a direção e a hierarquia das avenidas com árvores alinhadas e a localização e reunião dos edifícios importantes imprimiram um efeito artístico a estes traçados. Com efeito, as abordagens da ‘cidade prática’ e da ‘cidade bela’ podem ser notadas nestes traçados. E isso acabou por produzir distintas configurações como as de Tamboara, Paranacity, Ivaiporã e Cidade Gaúcha.

Tamboara apresenta a menor mancha urbana e o traçado mais aprimorado em termos formais, enquanto Cidade Gaúcha tem porte mediano com um *layout* igualmente simétrico e bastante formal; Paranacity tem a maior área urbana mas é menos

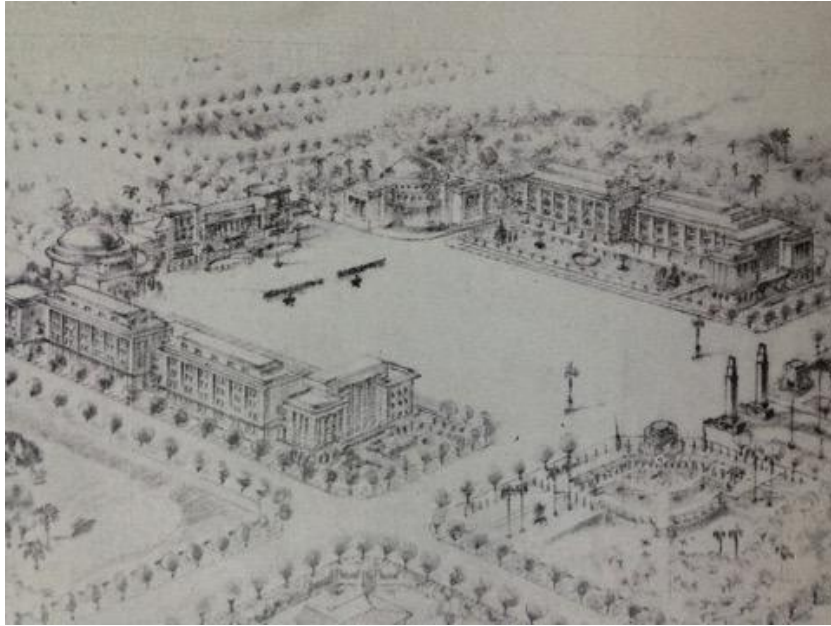


Figura 4. Centro cívico, Plano de urbanização de Curitiba, Alfred Agache, 1943. Note-se a arquitetura neoclássica e o conjunto monumental. Fonte: Boletim PMC, Prefeitura Municipal de Curitiba, 1943.

harmoniosamente traçada, pois os vários motivos formais empregados não estão articulados entre si. Já Ivaiporã adapta a grelha a um terreno bem menos nivelado e, fazendo ressoar princípios formais do ideário Cidade Jardim, apresenta ruas curvas – uma novidade na região, então apenas aplicada na cidade de Maringá (1947), e portanto compreendida como característica ‘moderna’. Em todas estas formas urbanas, os lotes normalmente medem 600 m²; as quadras se aproximam em forma e tamanho, na sua maioria regulares, apenas alteradas em função da topografia (como em Ivaiporã) ou em função da criação de motivos formais especiais na composição do tecido urbano, como centros cívicos, avenidas diagonais e outros pontos de interesse.

Particularmente nestes pontos pode-se notar o trabalho do urbanista como uma obra de arte. E justamente aí notam-se as configurações típicas do *City Beautiful*, com suas intenções de vista e formalidade (Wilson, 1994) em meio à ‘cidade prática’ – em empreendimentos privados de especulação fundiária.

Diferentemente dos planos paradigmáticos de Agache e Prestes Maia, os traçados das cidades novas norte-paranaenses são basicamente representados

bidimensionalmente; apenas ocasionalmente alguns croquis sugeriram a volumetria a ser edificada e incluíram imagens em perspectiva. Sessak e Sabbag ornamentaram sua planta de Paranacity com vistas aéreas e cenas urbanas modernas de arranha-céus (Figura 5); e Sato ilustrou a posição da catedral na sua planta de Cidade Gaúcha com a reprodução da *Notre Dame* de modo ingênuo, porém significativo. Infelizmente nenhum estilo arquitetônico foi determinado e a falta de restrições ou códigos de obras efetivos quando da implementação destas cidades prejudicou a construção da paisagem urbana originalmente imaginada.

Alexandre Gutierrez Beltrão, o prefeito de Curitiba que recebeu o plano de urbanização da cidade das mãos de Agache em 1943 (Diário da Tarde, 1943a, 1943b; Gazeta do Povo, 1943a) e ex-professor da Faculdade de Engenharia (Cf. Puppi, 1986, p. 22; e Beltrão, 1980, p.3), projetou Tamboara quatro anos mais tarde, em 1947. Uma planta parcialmente modificada, de 1969, ainda deixa ver noções do *City Beautiful*, especialmente na conformação do centro cívico, que reúne a prefeitura e a igreja diante de quatro jardins geométricos simetricamente dispostos junto de uma fonte circular. O centro cívico está posicionado no coração da

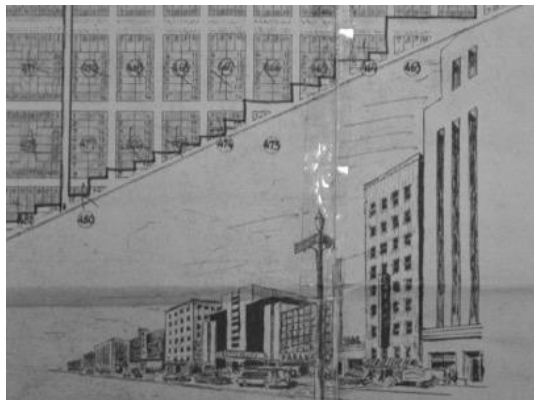


Figura 5. Detalhe da planta de Paranacity, Yaroslau Sessak e Omar Sabbag, 1950. Ornamento representando arranha-céus de uma cidade moderna. Fonte: Cartório de Registro de Imóveis de Mandaguari.

forma urbana, onde (originalmente quatro, e agora) três avenidas diagonais se encontram; cada avenida conduz a praças públicas nos cantos do perímetro retangular da cidade, delimitado por uma alameda.

O centro cívico é, certamente, o elemento mais expressivo do plano de Agache para Curitiba. De acordo com Agache, o traçado artístico da cidade se baseava muito mais na organização de belos grupos de edifícios e espaços livres do que na construção de monumentos; em vez de permitir edifícios públicos, parques e praças dispersos e com esta dispersão perder toda a expressão simbólica, poderia se alcançar a criação de grandes centros monumentais através do conjunto orgânico de edificações e espaços livres, os quais expressariam os ideais sociais da comunidade (Agache, 1930, p. 129). No plano para o Rio de Janeiro, Agache tinha proposto a ‘Entrada do Brasil’, uma grande praça cívica diante da Baía de Guanabara simbolizando o acesso (triumfal) à capital federal; Prestes Maia, de certo modo, emulou a ideia ao criar a ‘Sala de visitas de São Paulo’. O plano para Curitiba também criou uma ‘Sala de visita’ para a cidade: o centro cívico (Prefeitura, 1943, p. 30). Ele havia sido ‘projetado numa extensa praça, que deve receber arquitetura e paisagismo adequados e que será convergente destinada às grandes paradas cívicas, cerimônias solenes das datas

nacionais, desfiles e festividades; e apresentando um conjunto em harmonia com a estética dos edifícios públicos que a rodeiam (...), poderá avivar o seu realce, dando-lhe a imponência com o logradouro público de maior projeção da cidade, digno do prestígio e da autoridade do governo do estado de que é sede’ (Prefeitura, 1943, p. 30).

O traçado de Paranacity não apresenta um centro cívico mas alguns elementos morfológicos mostram intenções artísticas, particularmente a perspectiva criada com o bulevar que nasce diante da estação ferroviária e termina na igreja posicionada na cota mais alta da cidade; e o feixe das avenidas diagonais que convergem a uma praça circular (Figura 6). Mas no tecido urbano regular, ortogonal, estes elementos não se articulam, e a preexistente Estrada Inglesa corta o traçado da cidade de modo arbitrário e nada sutil; apesar da falta de unidade, o bulevar e a praça principal, as avenidas diagonais e a praça circular, e a praça de formato oblongo indicam uma abordagem artística.

O primeiro estudo para o traçado de Paranacity data do começo de 1950, dois anos depois da formatura de Yaroslau Sessak e Omar Sabbag, seus projetistas (Puppi, 1986, pp. 154-5). Alexandre Fontana Beltrão, filho do prefeito de Curitiba, e Lolo Cornelsen, assistente de Agache durante a elaboração do plano de urbanização de Curitiba, foram seus colegas de turma (Lins, 2004). Sessak, Sabbag, Beltrão e Cornelsen se matricularam no curso de engenharia em 1943 (enquanto Sato o fez em 1946); supostamente todos eles assistiram a palestra de Agache na faculdade, quando o plano para Curitiba foi apresentado (Carollo, 2002, p. 168). Estas conexões lançam nova luz na compreensão da gênese destas formas urbanas, sobretudo no caso dos projetos elaborados por Sessak: enquanto a composição dos elementos morfológicos do traçado de Paranacity é desconexa, possivelmente devido à pouca experiência dos jovens engenheiros civis que se viram planejadores urbanos, o traçado de Ivaiporã elaborado três anos mais tarde é bastante mais sofisticado – e ambos mostram a



Figura 6. Detalhe do traçado de Paranacity, Yaroslau Sessak e Omar Sabbag, 1951. Note-se o obelisco no centro da praça circular. Fonte: Cartório de Registro de Imóveis de Mandaguari.

ressonância do pensamento academicista de Agache. Ivaiporã, embora incorpore a irregularidade típica do ideário Cidade Jardim (Ribeiro, 2015), mantém, como as demais cidades novas da região norte-paranaense, um perímetro arbitrário, geometricamente desenhado, a modo de diagrama (Kostof, 1993).

Américo Sato projetou Cidade Gaúcha em 1953, dois anos depois de graduar-se na mesma escola dos demais projetistas aqui citados. Curiosamente, Sato projetou arranha-céus modernistas (Suzuki, 2011) ao mesmo tempo em que suas ideias para a conformação urbana eram bastante tradicionais. Naquele momento a arquitetura modernista brasileira era mundialmente aclamada; revistas e livros então mostravam imagens de edifícios modernistas brasileiros, fossem em artigos especializados ou em publicidade e cidades interioranas trataram de imitar o estilo metropolitano (Guadanhim, 2002; Rego, 2012b). Mas o urbanismo racionalista não foi igualmente imitado naquele momento (Pinheiro, 2010).

No traçado de Sato para Cidade Gaúcha, os principais edifícios públicos – a saber, a prefeitura, a estação rodoviária e as igrejas – estão simetricamente posicionados no centro da cidade, na intersecção de avenidas

arborizadas ou no ponto de convergência de avenidas diagonais. Como Tamboara, Cidade Gaúcha também apresenta um formato alongado devido ao posicionamento na linha de cumeeada, sobre estradas pré-determinadas, entre cursos d'água. O perímetro retangular de Tamboara e o contorno hexagonal de Cidade Gaúcha sugerem formas geométricas regulares definidas à priori, deliberadamente escolhidas para um sítio específico. O coração da cidade foi geralmente posicionado na porção mais alta do terreno, no centro geométrico da forma urbana.

A largura, a arborização e a presença de canteiro central definiram a hierarquia e o status das vias urbanas, e suas junções geralmente sugeriram pontos focais que receberam tratamento especial no tecido urbano regular. Isso pode ser notado no traçado de Ivaiporã, onde edifícios públicos, quando isolados ou fora do centro cívico, foram posicionados em pontos destacados da malha urbana. Assim, vias, arborização e áreas livres não deixavam de conformar um 'cenário' para o edifício público que descortinavam (Figura 2). Como notado por Kostof (1993), a localização de edifícios públicos (em cruzamentos viários) e suas relações visuais e a possibilidade de vistas impressionantes são claras intenções do urbanista *grand manner*; o *trivium* – como visto no traçado de Cidade Gaúcha – e a diagonal 'barroca' são motivos formais caros ao movimento *City Beautiful* (Kostof, 1993, pp. 234-5). Embora Kostof (1993, p. 240) tenha notado que o urbanismo em 'grande estilo' não é próprio de cidades pequenas porque ele não é modesto nem prático, algumas de suas características foram aplicadas no contexto destas pequenas cidades, naturalmente com um sentido distinto.

Muito provavelmente estes motivos formais não apareceram pela evocação do seu passado histórico, muito pelo contrário. De fato, as primeiras iniciativas de urbanismo moderno no Brasil adquiriram um aspecto simbólico, pois muitas ideias e práticas estrangeiras desenvolvidas na sua origem como resposta à modernização urbana foram aplicadas localmente em contextos que nem podiam ser chamados de modernos ou industrializados; na verdade elas

representavam aspirações de modernidade e intenções nacionalistas (Moreira, 2007). O plano de Agache para Curitiba não foi exceção. De modo semelhante, todo projeto de cidade nova no norte-paranaense evocou o sentido de que o urbanismo não era tanto o resultado do progresso mas o seu arauto.

Conclusões

Profissionais graduados pela única faculdade de engenharia no Paraná na primeira metade do século XX seguiram o fluxo migratório para a região norte do estado, onde abundava a oferta de trabalho na zona pioneira de colonização agrícola e assentamento planejado de colonos; ali serviços de urbanismo, arquitetura e engenharia eram requisitados para abrir estradas, criar cidades e construir casas. Cidades novas se multiplicavam, e apenas Yaroslau Sessak, um dos engenheiros estudados neste artigo, projetou duas delas no período de três anos. Sem curso específico de urbanismo disponível e com poucas e longínquas escolas de arquitetura implantadas no país naquele momento, o engenheiro civil era o profissional com a habilitação requerida para a tarefa de planejamento urbano.

A pompa e a grandiosidade do urbanismo em ‘grande estilo’ – construído tanto pela teoria de composição urbanística da Escola de Belas Artes francesa quanto pelo movimento norte-americano *City Beautiful* – não são esperadas na paisagem rudimentar de cidades da frente pioneira de colonização agrícola paranaense. Ainda assim, planejadores no norte paranaense adotaram certas características formais da abordagem academicista do urbanismo então em voga. O plano de Agache para Curitiba – para não dizer seu plano seminal para o Rio de Janeiro, que então fizera ressoar as ideias de Burnham e ressoou na proposta de Prestes Maia para São Paulo – teve um papel relevante na circulação daquelas ideias urbanísticas que encorajaram não apenas a discussão sobre o urbanismo em si mas também sobre um modo específico de traçar a forma urbana. A abordagem academicista do urbanismo e sua ‘cidade bela’ forneciam

então a principal orientação técnica – até serem suplantados pelo urbanismo racionalista e sua cidade funcional –, mesmo entre engenheiros civis planejadores que projetaram edifícios modernistas, como Américo Sato – outro engenheiro estudado por este artigo.

Ideias e práticas urbanísticas, na sua difusão global, tem modificado seu entorno e sido modificadas por ele (Leme, 2004); do mesmo modo, noções do urbanismo contemporâneo foram adaptadas ao contexto de um empreendimento de especulação fundiária na zona de colonização do norte paranaense. Assim, uma abordagem artística do urbanismo pode ser notada através de elementos morfológicos referenciados no *City Beautiful* e representados em plantas e projetos bidimensionais pelo agrupamento de edifícios públicos no coração da cidade, por composições simétricas, feixes de avenidas convergentes, vias diagonais e árvores militarmente alinhadas. Tal como nos casos exemplares do urbanismo *Beaux-Arts* e nas referências tomadas da história do urbanismo europeu, as noções clássicas de vista, formalidade e conjunto são a norma para a composição da forma urbana, que na prática não difere da composição arquitetônica. Nestes casos, é também notável a fusão do prático com o belo e, eventualmente, com o simbólico.

O projeto de uma cidade nova em zona de colonização reúne um número considerável de decisões e possibilidades formais, da posição do assentamento urbano à configuração da cidade e do seu tecido. Ao adotar as linhas de cumeada como sítio urbano e a grelha como tecido, e ao considerar as nascentes próximas, os planejadores não deixaram de tratar de questões formais e, como este artigo mostrou, fizeram ressoar ideias clássicas materializadas pela abordagem academicista do urbanismo, mesmo em um contexto em que a criação de uma cidade nova era um sinal incontestado de modernização e progresso.

Notas

Uma versão preliminar deste artigo foi

apresentada no *21st International Seminar on Urban Form* (ISUF) realizado no Porto em 2014.

Referências

- Agache, A. (1930) *Cidade do Rio de Janeiro. Extensão – remodelação - embelezamento* (Foyer Brésilien, Paris).
- Beltrão, A. G. (1980) *Três anos de sertão 1925-1928* (S.n., Curitiba).
- Burnham, D. H. e Bennett, E. H. (1993[1905]) *Plan of Chicago* (Princeton Architectural Press, Nova Iorque).
- Carollo, B. (2002) *Alfred Agache em Curitiba e sua visão de urbanismo*. Dissertação de mestrado não publicada, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil.
- Cohen, J. L. (1995) *Scenes of a world to come. European architecture and the American challenge 1893-1960* (Flammarion, Paris).
- Conzen, M. R. G. (2004) *Thinking about urban form: papers on urban morphology, 1932-1998*. Edited by Conzen, M. P. (Peter Lang, Oxford).
- Diário da Tarde* (1940a) ‘Curitiba de parabéns’, edição 13.731, 3/10/1940, 1.
- Diário da Tarde* (1940b) ‘Os problemas da nossa urbanização’, edição 13.732, 04/10/1940, 1.
- Diário da Tarde* (1940c) ‘Declarações do professor Agache ao Diário’, edição 13.733, 05/10/1940, 1.
- Diário da Tarde* (1943a) ‘O plano de urbanização de Curitiba’, edição 14.842, 25/10/1943, 7.
- Diário da Tarde* (1943b) ‘O plano de urbanização de Curitiba’, edição 14.841, 23/10/1943, 7.
- Diário da Tarde* (1943c). ‘A urbanização de Curitiba’, edição 14.828, 08/10/1943, 7.
- Domhardt, K. S. (2012) ‘The garden city idea in the CIAM discourse on urbanism: a path to comprehensive planning’, *Planning Perspectives* 27, 173-97.
- Dudeque, I. T. (2010) *Nenhum dia sem uma linha: uma história do urbanismo em Curitiba* (Studio Nobel, São Paulo).
- Gazeta do povo* (1940) ‘Plano geral de urbanização’, edição 7.224, 04/10/1940, 3.
- Gazeta do povo* (1943a) ‘Novos auxiliares do governo Manoel Ribas’, edição 7.051, 5/10/1943, 3.
- Gazeta do povo* (1943b) ‘Remodelação, extensão e embelezamento de Curitiba’, edição 7.068, 24/10/1943, 5.
- Gomes, M. A. A. de F. e Espinoza, J. C. H. (2009) ‘Olhares cruzados: visões do urbanismo moderno na América do Sul, 1930-1960’, em Gomes, M. A. A. de F. (org.) *Urbanismo na América do Sul. Circulação de ideias e constituição do campo, 1920-1960* (EDUFBA, Salvador) 13-39.
- Gauthier, P. e Gilliland, J. (2006) ‘Mapping urban morphology: a classification scheme for interpreting contributions to the study of urban form’, *Urban Morphology* 10, 41-50.
- Guadanhim, S. J. (2002) *Influência da arquitetura moderna nas casas de Londrina: 1955-1965*. Tese de doutoramento não publicada, Universidade de São Paulo, Brasil.
- Kostof, S. (1993) *The city shaped. Urban patterns and meanings through history* (Bulfinch Press, Nova Iorque).
- Leme, M. C. da S. (2004) ‘A circulação de ideias e modelos na formação do urbanismo em São Paulo, nas primeiras décadas do século XX’, *VIII Seminário de História da Cidade e do Urbanismo*, Niterói, 9 a 12 de Novembro.
- Leme, M. C. da S. (org.) (2005) *Urbanismo no Brasil 1895-1965* (UFBA, Salvador).
- Lins, P. C. Z. (2004) *Caminhos da arquitetura. A trajetória profissional de Ayrton ‘Lolo’ Cornelsen* (Paulo Cesar Zanoncini Lins, Curitiba).
- Lynch, K. (1954) ‘The form of cities’, *Scientific America* 190, 54-63.
- Moreira, F. D. (2007) ‘Urbanismo e modernidade: reflexões em torno do Plano Agache para o Rio de Janeiro’, *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais* 9, 95-114.
- Morley, I. (2008) *British provincial civic design and the building of late-Victorian and Edwardian cities, 1880-1914* (The Edwin Meller Press, Lewiston).
- Mumford, E. (2000) *The CIAM discourse on urbanism, 1928-1960* (The MIT Press, Cambridge).
- O Dia* (1943a) ‘Urbanização de Curitiba’, edição 6.200, 24/10/1943, 4.
- O Dia* (1943b) ‘Urbanização de Curitiba’, edição 6.201, 26/10/1943, 4.
- Passos, M. L. P. e Emídio, T. (2009) *Desenhando São Paulo. Mapas e literatura, 1877-1954* (Senac, São Paulo).
- Pinheiro, E. P. (1998) ‘A Haussmannização e sua difusão como modelo urbano no Brasil’, *V Seminário de História da Cidade e do Urbanismo*, Campinas, 14 a 16 de Outubro.
- Pinheiro, E. P. (2009) ‘Circulação de ideias e academicismo: os projetos urbanos para as capitais do Cone Sul, entre 1920 e 1940’, em Gomes, M. A. de F. (org.) *Urbanismo na América do Sul* (EDUFBA, Salvador) 119-48.
- Pinheiro, E. P. (2010) ‘As ideias estrangeiras criando cidades desejáveis na América do Sul: do academicismo ao modernismo’, *XI Coloquio Internacional de Geocrítica*, Buenos Aires, 2 a 7 de Maio.

- Pires, J. R. (2009) *Goiânia – cidade pré-moderna do cerrado 1922-1938* (PUC, Goiânia).
- Prefeitura Municipal de Curitiba (1943) *Boletim PMC*, II, 12, Novembro/Dezembro.
- Puppi, I. C. (1981) *Estruturação sanitária das cidades* (Universidade Federal do Paraná, Curitiba).
- Puppi, I. C. (1986) *Fatos e reminiscências da faculdade. Retrospecto da Escola de Engenharia da Universidade Federal do Paraná* (UFPR, Curitiba).
- Rego, R. L. (2012a) 'Ideias viajantes: o centro cívico e a cidade como obra de arte – do *city beautiful* ao coração de Maringá', em Freitas, J. F. B. e Mendonça, E. M. S. (orgs.) *A construção da cidade e do urbanismo: ideias têm lugar?* (EDUFES, Vitória) 161-75.
- Rego, R. L. (2012b) 'Importing planning ideas, mirroring progress: the hinterland and the metropolis in mid-twentieth-century Brazil', *Planning Perspectives* 27, 625-34.
- Rego, R. L. (2014) 'Brazilian garden cities and suburbs: accommodating urban modernity and foreign ideals', *Journal of Planning History* 13, 276-95.
- Rego, R. L. e Meneguetti, K. S. (2008) 'British urban form in twentieth-century Brazil', *Urban Morphology* 12, 25-34.
- Rego, R. L. e Meneguetti, K. S. (2010) 'Planted towns and territorial organization: the morphology of a settlement process in Brazil', *Urban Morphology* 14, 101-9.
- Rego, R. L. e Meneguetti, K. S. (2011) 'A respeito de morfologia urbana. Tópicos básicos para estudos da forma da cidade', *Acta Scientiarum* 33, 123-7.
- Rezende, V. F. L. M. (2000) 'As transferências internacionais e o urbanismo modernista na cidade do Rio de Janeiro', *VI Seminário de História da Cidade e do Urbanismo*, Natal, 24 a 27 de Outubro.
- Ribeiro, M. E. J. (2004) *Goiânia: os planos, a cidade e o sistema de áreas verdes* (UCG, Goiânia).
- Ribeiro, T. S. (2015) *O traçado de Ivaiporã e seus antecedentes formais*. Dissertação de mestrado não publicada, Universidade Estadual de Maringá, Brasil.
- Stelter, G. A. (2000) 'Rethinking the significance of the city beautiful movement', em Freestone, R. (ed.) *Urban planning in a changing world: the twentieth century experience* (E & FN Spon, Londres) 98-117.
- Suzuki, J. (2011) *Idealizações de modernidade. Arquitetura dos edifícios verticais em Londrina: 1949-1969* (Kan, Londrina).
- Toledo, B. L. de. (1996) *Prestes Maia e as origens do urbanismo em São Paulo* (Empresa das Artes, São Paulo).
- Underwood, D. K. (1991) 'Alfred Agache, french sociology, and modern urbanism in France and Brazil', *Journal of the Society of Architectural Historians* 2, 130-66.
- Whitehand, J. W. R. (2001) 'British urban morphology: the Conzenian tradition', *Urban Morphology* 5, 103-9.
- Wilson, W. H. (1994) *The city beautiful movement* (The Johns Hopkins University Press, Baltimore).

Tradução do título, resumo e palavras-chave

Classical ideas, progressive aspirations: academicism and the layout of new towns in northern Paraná.

Abstract. *Articulating town planning history and morphological studies, the paper aims to show the effect of contemporary urbanism in the layout of four Brazilian mid-twentieth century new towns planned from scratch by civil engineers graduated by the Faculty of Engineering, in Curitiba. At that moment urbanism underpinned by an academicist approach, resultant from the Beaux-Arts tradition, and consonant with the planning in the 'grand manner', a set of formal ideas drawn from traditional European planning practice, particularly the French, which was spread throughout North America by the City Beautiful movement. The Urbanization Plan for Curitiba co-authored by Alfred Agache in 1943 was an important local reference, especially for the civil engineers regarded in this paper. Thus, morphological elements such as diagonal avenues, tree-lined boulevards, grand views, and the gathering of the main public buildings and their ordered, symmetrical organization convey an artistic approach amid regular, gridiron urban forms, typical of land-speculation enterprises.*

Keywords: planning diffusion, planned new towns, Tamboara, Cidade Gaúcha, Ivaiporã